

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 129 — Domingo, 27 de Novembro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

PRESTÍGIO INTERNACIONAL

Por A. BOAVENTURA

Foi precisamente a 6 de Novembro de 1936 — fez agora 19 anos — que o sr. prof. Oliveira Salazar juntou ao pesado e difícil múnus da orientação e chefia do Governo, a de directo e imediato obreiro na pasta dos Negócios Estrangeiros.

Se não lhe eram estranhos os meandros mais íntimos da política externa, como bem e nitidamente se demonstrou no seu discurso, dias antes proferido sobre a política de não-intervenção na Guerra de Espanha — experiência internacional em solo ibérico, — com esta vinculação ostensiva aos problemas rudes e enredados, complexos e esgotantes da Chancelaria de Estado, quis chamar a si a condução melindrosa dos problemas que nos tocavam no grande jogo que estava a incendiar a Europa e o Mundo.

A luta travada com os

Dr. Alonso Vasques

Encontra-se, há alguns dias, incomodado de saúde o nosso estimado amigo e assinante sr. dr. Alonso Vasques, ilustre presidente da Câmara Municipal deste concelho e dedicado director do Hospital da Misericórdia desta vila.

Fazemos sinceros votos por um rápido e completo restabelecimento.

inimigos de fora e de dentro seria, porventura, na carreira política de Salazar o período mais esgotante e notoriamente decisivo para a futura segurança de Portugal. E' certo que as finanças estavam sólidas, plataforma sem a qual o maior génio político acaba por sucumbir. Oito anos tinham bastado a Salazar

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Espectáculo de Beneficência

Realiza-se no Cine-Foz, no próximo dia 29 do corrente mês, um espectáculo de beneficência.

Exibir-se-á o excelente filme alemão *A Lenda da Floresta*, magistralmente desempenhado, revertendo o produto do espectáculo para a compra de agasalhos, que serão distribuídos aos pobres, pelo Natal.

O APARECIMENTO DO HOMEM SOBRE A TERRA

Pelo Major J. DE SOUSA NUNES

PERÍODO quaternário da terra compreende os últimos extractos da série sedimentar desde que a geografia física, pelo menos no hemisfério norte, atingiu proximamente a sua feição moderna. A partir desta época, não se conhece nenhuma nova espécie orgânica além do homem, se é que ele não existia já no último período do terciário.

Todas as divisões modernamente propostas para o quaternário têm por base as grandes oscilações climáticas que se produziram durante os primeiros tempos deste ciclo, em que os fenómenos

glaciários tiveram um extraordinário incremento.

As tendências para o esfriamento dos climas começaram a sentir-se provavelmente nos últimos tempos terciários, mas só muitos séculos depois é que o rigor chegou ao seu máximo, em que as neves e os gelos subiam a mais de cento e quarenta mil metros acima das altas montanhas. Assim devia ter-se passado um grande lapso de tempo até as temperaturas se tornarem a suavizar.

O quaternário divide-se em dois períodos: antigo ou glaciário, e o recente ou post glaciário. Os estudos feitos na Europa e na América acusam a existência de várias crises glaciárias separadas por fases relativamente benignas, em que uma parte dos gelos se fundiram, dando lugar a inundações diluvianas.

MUITO BEM

senhores representantes

das Nações estrangeiras!

CORRESPONDENDO não ao nosso apelo mas a um sentimento natural de disciplina e de arrumação, que andavam um tanto descuidados e o nosso apelo lembrou, dignaram-se os ilustres representantes Consulares a que oportunamente fizemos referência, ostentar em público, como é das normas, as insignias dos países que em Suas Excelências depositaram a honrosa incumbência de os representar.

Embora se tenham limitado a observar preceitos inerentes à sua importante função, não deixaremos de os felicitar. E não deixaremos também de lamentar que não tenham sido acompanhados, no seu gesto louvável de disciplina e actualização, pelos dignos representantes de dois países velhos amigos de Portugal e que há mais de 50 anos desfraldam — aliás, desfraldavam — as suas bandeiras, aos domingos e dias festivos. Segundo o «Anuário Diplomático e Consular Português» do corrente ano, figuram os citados dois representantes com as categorias de cônsul e agente consular. Ocultando, por ora, os seus nomes e os dos países amigos que representam, esperamos que ambos, aliás pessoas da maior respeitabilidade e apreço, saibam seguir o exemplo dos seus dignos colegas e, consequentemente, honrem, de acordo com as práticas legais, as nações que lhes confiaram o honroso encargo da sua representação.

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)



Cais Comercial de Vila Real de Santo António

UMA SUGESTÃO de um antigo industrial

SOBRE O CURSO DE MESTRE CONSERVEIRO QUE SE PRETENDE SEJA INSTALADO NA FUTURA ESCOLA TÉCNICA DA NOSSA TERRA

COMO se sabe, o Ministério da Educação, na última reforma do ensino técnico, criou o curso de mestre conserveiro, o qual não começou ainda a funcionar e foi objecto, há tempo, de um criterioso estudo publicado no «Notícias do Algarve» pelo nosso prezado colaborador sr. dr. Sousa Pontes. Sobre esse estudo incidiu um parecer do nosso comprouviano sr. José Ferreira Canelas, antigo industrial de conservas, o qual foi apresentado em reunião do Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, e publicado na íntegra por nós.

Há dias, no Café Nacional, em Lisboa, conversámos sobre o assunto, que reputamos digno das preocupações da indústria, com o nosso comprouviano sr. Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior, natural de Olhão, o qual, embora exerça a profissão de farmacêutico, é uma autoridade em matéria de conservas de peixe. Foi industrial nesta actividade em Olhão e em Lisboa; foi também armador de cercos de pesca, primeiro perito na «warrantagem» junto do extinto Consórcio Português de Conservas de Peixe, primeiro agente de

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

O almirante GUERREIRO DE BRITO tomou posse do cargo de chefe do Estado-Maior da Armada

Na passada terça-feira, tomou posse do alto cargo de chefe do Estado-Maior da Armada o nosso ilustre comprouviano e prezado assinante sr. vice-almirante Guerreiro de Brito, oficial distintíssimo, que desempenhara, anteriormente, as importantes funções de superintendente dos Serviços da Armada e de chefe do Estado-Maior Naval e de comandante-geral da Armada — estes dois últimos recentemente extintos.

A posse daquele ilustre oficial geral, que fica a ocupar o posto da mais elevada hierarquia militar da nossa Marinha de Guerra, foi largamente concorrida por almirantes, comandores e outros oficiais superiores da Armada e do Exército, além de representantes dos organismos de pesca e de vários dirigentes da Casa do Algarve, em Lisboa — que tributaram uma expressiva manifestação de apreço ao ilustre oficial algarvio.

O «Notícias do Algarve» apresenta ao sr. almirante Guerreiro de Brito cordiais cumprimentos de felicitações.



MONTE GORDO — Aspecto da praia

O TURISMO no Algarve

E UM LAMENTÁVEL LAPSO DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

NA passada semana, o «Diário de Notícias» inseriu um belo artigo do seu enviado especial sobre o turismo algarvio, enaltecendo as belezas, o clima e tudo aquilo que faz do Algarve uma das mais atraentes regiões da Europa. A prosa desvaneceu-nos, tanto mais que não faltou a indispensável

referência à miséria, ao desleixo, à pouca vergonha das ligações ferroviárias. Mas o articulista cometeu um lapso, dos tais que não passavam sem a intervenção da menina dos cinco olhos, se ele fosse cometido, aqui há uns trinta anos, por atrasado aluno da 3.ª classe. Mas vamos transcrever a parte do artigo onde se praticou a irregularidade:

Sai-se de Lisboa e atravessa-se o Alentejo com chuva e frio. Mal se chega ao litoral do Algarve, desde a foz do Guadiana à ponta adusta de Sagres, tudo convida a dar banho. E quantas e lindas praias? Quarteira, Albufeira, Armação de Pera, Carvoeiro, Rocha, para só falarmos das mais importantes. Pena é, todavia, que todas elas, inclusivamente a da Rocha, careçam, em absoluto, de hotéis. Aqui está outro problema do mais palpitante interesse para o Algarve que, para sua solução, pede: a conclusão do Hotel Aliança, em Faro, e a construção de um novo hotel na Praia da Rocha, já que o antigo está em ruínas, há mais de vinte anos, sendo a Rocha uma praia considerada

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

VAI SER UM FACTO o parque de campismo

TOMANDO em consideração as sugestões que temos feito acerca da necessidade do arranjo de um Parque de Campismo na nossa Mata, e penetrada da indispensabilidade de tal melhoramento, a Comissão Municipal de Turismo deliberou destinar a verba de 80 contos para essa útil realização.

Creemos que não é exagerada esta verba para a obra a fazer, já que temos que fugir de improvisações, que em vez de dignificarem, desprestigiam.

Como já dissemos, o parque tem de ser dotado de um caminho que parte da estrada da Mata ao local escolhido e onde terá que ser arranjada uma certa área pavimentada para o estacionamento de veículos.

COMPARTICIPAÇÕES PARA O ALGARVE

Pelo Ministério das Obras Públicas, foram concedidos pelo Fundo do Desemprego as seguintes comparticipações para obras de interesse público do Algarve: À Junta Central das Casas dos Pescadores (concelho de Loulé), para construção do Centro de Assistência Social da Junta Central das Casas dos Pescadores em Quarteira, 80.000\$00, e à Junta Central das Casas dos Pescadores (concelho de Vila do Bispo), para construção de um Centro Social para Pescadores «Elsa Sotto-Maior Matoso» em Sagres (reforço), 51.017\$00.

E' necessário dotá-lo de instalações sanitárias com, pelo menos, dois chuveiros (os campistas são asseados) — um para homens, outro para senhoras — um marco fontanário e uma cabina telefónica, que ficará na casa do guarda — uma cozinha rústica, de madeira com tijolo. Ao guarda incumbirá também a vigilância dos veículos e tendas dos campistas que se ausentarem para passear ou virem

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

E tudo o que levou... Numa das últimas madrugadas, ao microfone da Rádio Nederland, de Hilversum, o locutor espanhol Eduardo Olona dizia: «Uma das coisas de que os holandeses mais gostam é de laranjas, Rica frutal. Havemos de reconhecer que têm bom gosto. Como gostam muito, acontece que os holandeses comem cada vez mais laranjas. Nos primeiros dez meses deste ano, a Holanda consumiu mais laranjas que durante todo o ano passado.

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Do meu Diário

Fui hoje, pela primeira vez desde que vim de férias, visitar a M. A. Level-lhe flores, uma tabuinha de chocolate, um novelo de algodão perlé, de que me falara em Agosto, e um livro de poesias. Encontrei-a deitada. Ante aquele rosto branco e sereno, com os cabelos negros espalhados no almofadão, o coração deu-me rebate e uma corrente fria inundou-me as veias. Levantou, pesadamente, quando me viu, um sorriso baço e trémulo.

— Estás melhor? Negativou com a cabeça. — Isto está por um fio... Louca! Que tinha um aspecto admirável, as orelhas encarnadinhas e tudo... Aquilo de estar deitada era manha de poeta, que gosta de sentir os dedos da chuva na vidraça... E brinquei e gracejei e não sei aonde fui buscar em mim tanto poder de mentir. As flores deixou-as na mesinha de cabeceira. Desfolhou a tabuinha de chocolate, e pôs-se a comer.

— E' a primeira coisa, há muito tempo, que me sabe bem...

Lembrava-lhe as que comprávamos na pastelaria ao pé do liceu. E daí a minutos, a desfiar recordações, estávamos ambas a rir perdidamente, até que um frouxo de tosse nos interrompeu.

Quando lhe mostrei o novelo perlé, olhou-me muito séria:

— Ah, não te esqueceste...

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

D. Júlia Craveiro Lopes

Faleceu em Lisboa, no dia 24 do corrente, a sr. D. Júlia Craveiro Lopes, de 82 anos de idade, viúva do general João Carlos Craveiro Lopes, que foi Governador-Geral do Estado da Índia, e mãe do venerando Presidente da República, sr. general Craveiro Lopes.

Ao insigne Chefe do Estado apresenta o «Notícias do Algarve» as suas respeitadas condolências pela dolorosa perda que acaba de sofrer.

IMPOSTO DE PESCADO DO ATUM

O «Diário do Governo» publicou um diploma que reduz, nos meses de Setembro a Abril, a \$03(5) por quilograma a taxa do imposto de pescado devido pelo atum nacional fresco ou conservado pelo frio, pescado por embarcações nacionais de pesca longínqua e adquirido pelas fábricas de conserva, e autoriza o estabelecimento no arquipélago dos Açores, em terra, de armazéns frigoríficos destinados à conservação, escolha e separação do atum pescado por embarcações nacionais.

DEPOIS INFORMOU QUE A CAPITAÇÃO ANUAL NOS PAISES BAIXOS É DE DOZE QUILOS DE LARANJA, E CONCLUÍ: «AHL E AS LARANJAS ESPANHOLAS SÃO AS MAIS APRECIADAS!»

Estas palavras fizeram-nos recordar os lindos pomares — restos dos grandes laranjais — que havia no nosso concelho, e em especial nas famosas areias de Vila Real de Santo António que produzem as melhores laranjas do País — na opinião do director (não sei se ainda será o mesmo) do Pos-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Regressou da sua digressão pelo norte do País o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Desidério de Jesus Rosa.

Na passada semana, regressou de Elvas, onde esteve em viagem de negócios, o nosso amigo e prezado assinante sr. Marcelino Fernandes.

Regressou de Portimão a menina Rita Ramalheite Rodrigues, gentil filha do nosso prezado assinante sr. Manuel Rodrigues Calafate.

Retirou de Elvas para Lisboa o nosso prezado assinante e amigo sr. Augusto Leitão, funcionário superior da P. I. D. E.

Acompanhada de seus filhos, regressou do Porto a sr.ª D. Maria das Dores Salas, esposa do nosso prezado assinante, sr. João Borges Salas.

De visita a seus pais, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante em Beja, onde reside, o sr. Francisco Maria da Cruz Martins, acompanhado de sua esposa e filhos.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. António do Ó da Silva, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa.

Já restabelecida da operação cirúrgica que sofreu em Lisboa, regressou a Mértola, onde reside, a sr.ª D. Amélia da Silva Mascarenhas, esposa do nosso prezado assinante sr. Francisco Mascarenhas.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso estimado amigo sr. José Ruben Martins, funcionário dos C. T. T., acompanhado pelo nosso prezado amigo e assinante sr. Virgílio Correia Monteiro, ambos residentes em Tavira.

Nascimento

No dia 20 do corrente mês, teve o seu bom sucesso em Lisboa, a nossa prezada assinante sr.ª D. Maria Encarnação Lopes Fernandes, esposa do sr. Eduardo Augusto Fernandes, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino.

Ao feliz casal, endereçamos as nossas felicitações.

Doente

Tem sentido apreciáveis melhoras, o nosso prezado amigo e assinante sr. Joaquim Sebastião Rainha, chefe da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, nesta vila.

CORTEJO

de oferendas

A FAVOR DO HOSPITAL DESTA VILA

A exemplo do que tem feito em anos anteriores, a «Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa» está a organizar, para o próximo dia 18 de Dezembro, um Cortejo de Oferendas a favor do Hospital da Misericórdia desta vila.

Colabora neste simpático empreendimento uma comissão formada pelos srs. José Bento Júnior e Manuel da Costa Cardoso (por Vila Real); Manuel Anica (Hortas); Firmino António Júnior (Monte Gordo); José Alexandrino Cavaco e Manuel Guerreiro (Vila Nova de Cacela).

E' de esperar que o projectado Cortejo venha a constituir um expressivo movimento de solidariedade e generoso auxílio do povo de todo o concelho, a favor do nosso Hospital, cuja meritória e benéfica actividade, por demais conhecida, ocioso seria referir.



UNOR
FÁBRICA DE CAIXAS DE CARTÃO CANELADO SISTEMA AMERICANO

TELEF. 127 ODIVELAS
PÓVOA DE SANTO ADRIÃO
PORTUGAL

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

to Agrário de Tavira, em declaração que nos fez quando ali estivemos, há anos, a colher notas para uma reportagem.

Conversando, há dias, com um velho amigo sobre o caso dos laranjais da nossa terra, contou-nos ele que lhe referira seu avô que aí por 1850 chegara a ver no Guadiana 37 veleiros (escunas, brigues, patachos, barcas) a carregar laranja para Inglaterra.

Que é feito desta riqueza, de que chegam até nós ecos tão longínquos? Diz-se que o seu desaparecimento foi devido a uma doença — a icéria — transmitida pelas giestas que enfeitam o nosso pinhal, e nos últimos anos pela formiga argentina.

Cremos que, utilizando os modernos processos de combater as pragas, seria possível reconstituir esses famosos jardins das Hespérides que eram outrora os pomares do nosso concelho e de que resta uma amostra na ribeira do Beliche, no vizinho concelho de Castro Marim.

A mosca da azeitona Vamos fornecer aos nossos lavradores alguns números tristemente elucidativos dos estragos que a *Dacus* — mosca da azeitona — causa nos nossos olivais, diminuindo a produção e inferiorizando o produto e o azeite que dele se extrai, e que é do mais ordinário do País. Os números que se seguem foram obtidos pelos srs. engenheiros-agrónomos Augusto Rosa de Azevedo e Gabriel de Magalhães Silva, da Estação Agronómica Nacional. Referem-se eles à percentagem de infestação por concelho:

Albufeira	60-70
Alportel	40-50
Faro	50-60
Lagos	90-100
Loulé	60-70
Monchique	80-40
Olhão	60-70
Portimão	70-80
Silves	60-70
Tavira	70-80

Em face de tais números, duas hipóteses há a encerrar: ou se combate a praga a sério ou se substituem as

oliveiras por alfarrobeiras ou amendoieiras. Estas dão agora um rendimento muito tentador. . . .

Na contra-safra de 1954/55 e até 31 de Março deste ano, foram registadas no Algarve, como produção indígena, 1.613.123 litros de azeite.

A pesca do atum Os nossos vizinhos espanhóis que circunstâncias de todos conhecidas remetem, no campo da economia, a uma limitação forçada, estão a tentar actualizar-se. E assim, uma sociedade do país vizinho encomendou aos estaleiros de Coya dois «baby-clippers» para a pesca do atum com isca viva. Estas unidades terão 22 metros de comprimento (19 metros entre perpendiculares), deslocarão 115 toneladas e serão accionados por motores de 185 cavalos. O porão de peixe terá a capacidade de 80 metros cúbicos. Os barcos são construídos em madeira e reforçados de ferro forjado.

Ainda a propósito de atum: segundo os estudos realizados em Maio e Junho, findos, pelo navio de investigação «Président Théodore-Tissier» o «germon» aparece nesses meses nas costas de Portugal e de Espanha, tendo o citado navio feito uma pescaria nos primeiros dias de Junho entre a latitude do Porto e das Berlengas, a 30 e 60 milhas da costa.

Conservas de peixe Em representação de um numeroso grupo de industriais de conservas do Algarve e de Matosinhos, seguiram para a América do Norte o sr. dr. João Pereira Duarte e os nossos conterrâneos srs. Mário Garcia Ramirez e Emilio Garcia Ramirez, que se encontram ali a estudar a possibilidade de aumentar as nossas exportações de conservas para o mercado norte-americano. Oxalá sejam felizes, e da suas diligências resultem mais prosperidade para a indústria conserveira e melhoria de condições económicas para os trabalhadores que nela se empregam. — J. B.

DEFENDA-SE DA CHUVA
Comprando o impermeável
SUPERLON
PARA
HOMEM - SENHORA - CRIANÇA

Trindade

Vila Real de Santo António



Clínica de Santo António
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)
sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre
Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



PROVINCIA

ODELEITE

Novo pároco

Cheio de optimismo e de boa vontade, tomou posse desta Paróquia o rev. padre Silvério Ferreira da Silva, que está no firme propósito de, em colaboração com as personalidades locais, envidar o melhor dos seus esforços no sentido de Odeleite obter o lugar a que tem jus. Assim nos afirmou sua reverência, e tem igual propósito o sr. prof. António H. A. Rufino, pois sendo ambos do Norte do País e com aquela férrea vontade que tanto caracteriza os homens das nossas províncias nortenhas, sentem que do Minho ao Algarve, ou de Trás-os-Montes a toda a costa algarvia, tudo é território nacional regido pelas mesmas leis e professando os mesmos credos.

Serão dois potentes faróis a iluminar-nos, e dois espíritos rectos a levar-nos ao bom caminho.

Odeleite bem o merece. Povo ordeiro e humilde, que ocorre solícito a todas as provas de fidelidade a que tem sido submetido. Talvez dada a sua situação geográfica, está desde há muito tempo esquecida, mas a apatia que aqui se nota deve acabar, de vez.

Os prejuízos das enxurradas

Têm sido bastante pesados os prejuízos causados com as enxurradas, e difíceis de aguentar por grande parte dos proprietários. No entanto, as notícias pouco a pouco vão sendo mais animadoras, mas não se devia descurar a ideia de constituir uma comissão para ir junto do sr. Governador Civil expor com clareza os factos.

Muitos cursos de água mudaram os seus leitos; por isso, muitos proprietários atingidos com a mudança estão inquietos, e esperam que alguma outra cheia recomponha o curso primitivo.

Do lado norte da ponte que atravessa a ribeira de Odeite, um pouco antes da entrada da mesma e ao lado direito, foi feita uma passagem, com ordens superiores, quando do alcatroamento.

Para a construção da referida

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Obrigada, Manuela. Mas ouve... Não continuou. Fechou os olhos. As palpebras estremeceram, dois passarinhos agitavam freneticamente as asas. As lágrimas desataram-se, sem espalhafato, como a água de uma bilha cheia, que, serenamente, escorre pelo barro vidrado.

Não sei palavras. Não há palavras. Há um novelo abandonado na cobertura. Há também os meus olhos massacrados. M. A. reparou neles e pediu que lhe lesse poesia. Abriu o livro que levava encapado num papel brilhante com florinhas azuis.

—Perdoa, mas não quero deses. Quero dos teus. . . Aqueles teus versos pequeninos. . .

Ouvia, ouvia, e quando me levantei e lhe apertei e mão para me despedir, murmurou com uma voz nitida e forte:

—Tenho vergonha daquilo há bocadinho. . . Obrigada pelo algodão. Vou trabalhar. E vou decorar esses teus versos que dizem: «A manhã floresceu nas minhas mãos. É uma árvore de rosas e de paz. . .» Promete que nos vais mandar, prometes? O quarto inundava-se de sol.

Maria Manuela Nunes



Agradecimento

A família de Eugénio Dinis Guerreiro agradece, pehorada, a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar.

SERRALHEIROS

PRECISA-SE OFICIAL COM PRÁTICA DE MOTORES DIESEL, E OFICIAL OU AJUD. SERRALHEIRO MECÂNICO.

RESPONDER INDICANDO CONDIÇÕES E REFERÊNCIAS, PARA: FUNDAÇÃO — JOSÉ DE LIMA, VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO.

passagem, houve que desfazer uns montículos de terra, sendo o entulho espalhado em pronunciado declive, para dar melhor acesso a um caminho público que a referida passagem assinala.

Porém, quando da construção, não tenham verificado que o entulho ia barrar, por completo, um regato que corre paralelo à estrada. Agora, para se passar, tem que se praticar ginástica forçada, e especialmente com animais carregados, o que diariamente sucede.

Não se sabe se o facto em referência já foi observado por quem de direito. Na hipótese de o não ter sido, aqui fica o aviso à entidade a que o caso diga respeito: Junta Autónoma das Estradas ou Hidráulica do Guadiana. Estes prestigiosos organismos têm fiscais nesta região, e com facilidade poderão verificar a veracidade do exposto.

Como autênticas ratoeiras, ainda se encontram abertos os buracos feitos pelas águas nas ruas de Odeleite. Se continuarem abertos, só há a alternativa de não sair de casa depois do sol-poio, mas cremos que a importância a gastar no arranjo desses buracos será relativamente pequena.

No dia 1 do corrente mês, foi registado no posto do Registo Civil o filho do nosso amigo sr. António Martins. Testemunharam o acto seus irmãos, sr.ª D. Maria Rita Martins e sr. José Martins, funcionários das Alfândegas.

Desejamos muitas felicidades.

D. Hermínia Vaz Palma Xavier

Sufragando sua alma, foi rezada uma missa, pelo rev. padre Silvério Ferreira da Silva. Assistiram numerosos fiéis.

Encontra-se doente, permanecendo no quase continuamente no leito, o nosso prezado amigo sr. Mário Xavier de Brito.

Foi alistado na Guarda Fiscal o sr. António Rodrigues Madeira, filho do conceituado comerciante sr. Jacinto Filipe Madeira.

Foi aprovado, nas provas que prestou para candidato a P. S. P., o sr. Francisco Pedro dos Santos Madeira. — e.

ALCOUTIM

Casamento

Realizou-se no passado dia 20 do corrente, na Igreja Paroquial desta vila, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Antónia Gonçalves, prenada filha da sr.ª D. Maria Catarina e do sr. António Gonçalves, com o sr. Lourenço Fernandes de Brito, soldado da Guarda Fiscal, em serviço no posto de Olhão.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, o sr. Alfredo Madeira Simões e a menina Praxedes Peres Cavaco, e por parte da noiva, o sr. João Pedro Calapez Correia, tesoureiro da Fazenda Pública, e a menina Cremilde Martins dos Santos, chefe da Estação dos C. T. T., ambos residentes nesta vila.

Foi celebrante o rev. Padre Domingos Duarte, de Faro. Finda a cerimónia, foi servido aos numerosos convidados, em casa da noiva, um finíssimo copo-de-água, tendo os noivos seguido para Olhão, onde fixaram residência.

Falecimento

No passado dia 20 do corrente, faleceu, no Monte de Guerreiros do Rio, o sr. António Afonso Júnior, viúvo, de 77 anos de idade, natural de Laranjeiras. — e.

Falecimentos

Estêvão Rosa Vaz

Em 22 do corrente, faleceu na Trafaria o sr. Estêvão Rosa Vaz, de 62 anos, 2.º sargento reformado, natural de Castro Marim. O falecido era pai do sr. Estêvão Abrantes Vaz.

Joaquim Sabino

Em 25 do corrente, faleceu o sr. Joaquim Sabino, casado, de 55 anos de idade, técnico-litógrafo, natural de Vila Nova de Cacela, e há muitos anos residente nesta vila.

O saudoso extinto, que deixa viúva a sr.ª D. Maria Coelho Felizardo Sabino, era pai da sr.ª Maria da Conceição Felizardo Sabino, funcionária municipal, e das meninas Maria José e Maria Albertina Felizardo Sabino.

O funeral, realizado no dia seguinte, foi acompanhado ao cemitério local, por inúmeras pessoas, pois o falecido era muito estimado.

A família enlutada, apresentamos sinceras condolências. Este funeral esteve a cargo da «Agência Viegas».

AGENDA

MOVIMENTO DA BOIA

de Vila Real de Santo António
De 19 a 25 de Novembro:

TRAINEIRAS

Maria Rosa	79.235\$00
Liberta	62.180\$00
Pérola do Guadiana	53.510\$00
Brisa	49.800\$00
Tufão	33.140\$00
Infante	32.035\$00
Audaz	30.020\$00
Arrifana	29.350\$00
Raulito	24.990\$00
Estrela do Sul	22.070\$00
Janita	20.235\$00
Flor do Sul	17.790\$00
Norte	13.038\$00
Sol	10.108\$00
Flor do Guadiana	10.390\$00
Triunfante	9.680\$00
Tôluis	9.680\$00
Total	508.043\$00

CERCO

Amazona 27.330\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 19 a 25 de Novembro:

Entrados:

DUISBURG, Alemão, de 1.853 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.
GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Tânger, com carga em trânsito.
STARLING, Inglês, de 1.356 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

DUISBURG, Alemão, para Antuérpia, Hamburgo, Roterão e Bremen, com cortiça, figos, amêndoas e conservas.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 26 de Novembro a 2 de Dezembro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

O 1.º de Dezembro

NA ALA G.A

da Mocidade Portuguesa

em Vila Real de Santo António

COMO nos anos anteriores, levam-se também a efeito as Comemorações da Festa que todos os Portugueses sentem, porque representa ela a nossa nacionalidade e a glória dos benefícios que nos foram concedidos pelos antepassados.

Para esse efeito, vai a Mocidade Portuguesa local realizar o seguinte programa:

As 8,30 horas — Concentração dos Centros nas respectivas sedes.

As 8,40 horas — Desfile até à Casa da Mocidade.

As 8,50 horas — Concentração frente à Casa da Mocidade Portuguesa.

As 9 horas — Içar das bandeiras.

As 9,15 horas — Desfile: Rua Teófilo Braga, Rua da Princesa, Praça Marquês de Pombal (lado nascente) e Rua Teófilo Braga.

O Centro Escolar ficará na sua sede recolhendo o Centro Extra Escolar às oficinas.

As 15 horas — Abertura da Exposição Filatélica na casa da Mocidade.

As 16,30 horas — Sessão nas oficinas do Centro Extra Escolar n.º 1; Hino da Organização; Algumas palavras pelo encarregado da Subdelegação; Distribuição de insignias, prémios desportivos e diplomas; Recitativos; Hino Nacional.

Ficam convidadas todas as autoridades locais e público em geral para assistirem ao exposto neste programa.

Posto Fiscal do Farol EM OLHÃO

Por despacho ministerial de 2 do corrente, já visado pelo Tribunal de Contas, foi aprovado o contrato celebrado com o sr. José dos Santos Silva, para a execução da empreitada de construção do edifício destinado à instalação do Posto Fiscal do Farol, em Olhão, no valor de 129.980\$00.

Atenção

TRESPASSA-SE «BAZAR AVENIDA»

com toda a sua existência, situado na Rua Teófilo Braga, nesta vila.

Quem pretender, dirija-se ao mesmo.

O APARECIMENTO DO HOMEM SOBRE A TERRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

paleolítica, 119.400 anos; pedra polida ou neolítica, 10.000, que terminou em 2.500 a. C.

Idade dos metais (bronze, que durou 2.000 a. C. e a do ferro, que ainda dura). O homem paleolítico, diz o sr. doutor Mendes Correia, é de estatura média, de 1,60 centímetros de alto, robusto, atarracado, com uma atitude erecta, ainda um pouco imperfeita e com os caracteres primitivos pittorescos nos ossos do tronco, nos membros e na conformação cerebral.

Tinha já uma cabeça bastante volumosa, uma face relativamente desenvolvida, mas a arcada dos olhos avançada, a fronte fugidia, o occipital saliente e pontegado, a mandíbula inferior sem mento, lembrando o antigo focinho bestial...

No segundo glaciário, quando já não podia suportar o frio, cobriu-se de peles, afugentando as feras das suas grutas, onde nasceu e dividiu-se por elas em grupos de famílias. No Algarve, a região ainda hoje mais povoada e que apresenta mais grutas e vestígios paleolíticos, é a do concelho de Loulé.

A norte de Vale Judeu, encontram-se as ruínas da gruta de Esparguina da Lapa e a do Barrocalinho, a 5 quilómetros apenas da vila, e a 6 quilómetros fica a de Matos da Nora. No sítio da Cabeça Gorda, fica a gruta do mesmo nome, de fundo desconhecido, e na freguesia de S. Clemente, há dois outros, o de Balanças e o de Picavessas, cada um com a sua gruta de fundo insondável. A gruta da Goldra é muito famosa.

Porém, as mais surpreendentes podem ser admiradas nas freguesias rurais. A bonita aldeia de Querença, a 5 quilómetros ao norte da sede do concelho, orgulha-se de chamar suas às que têm os nomes de Igreja dos Mouros, Salusteira e a Vendinha do Esteval, cada uma das quais abrigaria a vontade, em caso de necessidade, um terço da população da aldeia.

Em Alte, há a Igreja dos Soidos, e em Salir, a da Pena, que serviram, no tempo dos mouros, de campo entricheirado a um exército de Sarracenos, em luta com os cristãos. E são só estas as que se descobrem a si próprias, não se fazendo ideia das que se conservam escondidas nos barrocaes e das que foram abertas pela mão dos sem abrigo e que se obstruíram com o tempo, e tantas outras que são tomadas por cegos abertos pelos mouros.

Em toda a Europa, o clima algarvio é dos mais benignos, pela sua aproximação do mar e do sol, sendo ali o frio menos intenso do que de qualquer outro, autorizando os homens a saírem das suas grutas com frequência e virem caçar e colher frutos silvestres para suas mulheres e seus filhos; buscar palma e esparto para fazerem baracinhas e esteiras de seu uso, quando se cansavam de polir os seus sílices e basaltos.

Eram as suas armas de ataque e de defesa mais eficazes que possuíam. Serviam-se também de paus, de ossos, de marfim, mas de eficiência muito mais diminuta.

Qual o Sol aqueceu de novo a

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª Publicação)

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Vila Real de Santo António se faz público que, na respectiva Secretaria e secção, correm seus termos os autos de falência ordinária, decretada a requerimento de José Soares dos Santos Junior, e, tendo sido apresentadas pelo administrador da falência as contas da sua gerência, no respectivo apenas correm editos de oito dias citando os credores e o falido para, no prazo de cinco dias, que começará a contar-se da segunda e última publicação do competente anúncio, dizerem o que se lhes oferecer acerca das referidas contas, nos termos do artigo mil duzentos e trinta e cinco do Código de Processo Civil.

Vila Real de Santo António, 12 de Novembro de 1955.

O Juiz de Direito,
Francisco Nunes Correia
O Chefe da Secção de Processos,
António Figueiras da Cruz

terra, permitindo à população deixar outras vezes as suas grutas, havia mais de nove ou de dez mil anos que se haviam recolhido, ninguém se lembrando dos factos senão de os ouvirem descrever aos antigos, de geração em geração.

Em mais de mil metros de raio, ouvia-se distintamente o ruído da queda de água do Cadoiço, despenhando-se do alto sobre os rochedos. Foi para aquele ponto aonde todos se dirigiam montando as barracas em grande parte, voltando os restantes para junto das suas grutas, mas vindo ali quase todos os dias, por não haver sítio que mais encantasse os espíritos.

No meio de um círculo de colinas intensamente arborizado de árvores majestosas, aberto para sudoeste por onde a água do Cadoiço buscava o mar, verdejava um prado florido, de mais de quinhentos metros de raio, onde as árvores de grande porte se não sentiam bem, e por baixo da crista ficava um mar aquoso.

A alguns duzentos metros da cascata, elevava-se um pequeno planalto, de cuja base a água saía a jorros em mais de um ponto. Foi sobre essa elevação de terreno que os homens das grutas fundaram a primeira povoação algarvia, que Ataíde de Oliveira atribui aos Fenícios que aí vieram comerciar, mais de 12.000 anos depois!

A população do lugar sempre foi muito curiosa e de espírito aventureiro, e ao sair das suas grutas vinha ansiosa por sondar os horizontes que se desdobravam diante dos seus olhos. Que ficaria do lado donde vinha o Sol e onde ele se ia esconder, deixando a terra mergulhada em trevas?

E desejando ardentemente sabê-lo, cedo começaram a percorrer toda a extensão, de leste a oeste e de norte a sul. A sul e a oeste, só encontraram água e seções; para norte, lobos e outras feras, só lhes ficando uma estreita faixa para nascente, encontrando ao cabo de uns setenta mil passos um outro mar, tão estreito em relação aos outros dois, que se avistavam do outro lado matas cerradas de arvoredo.

Uma vereda conduzia quase ao meio deste mar, onde se levantava uma aldeia, no alto de uma elevação.

Fizeram várias perguntas sobre o que desejavam saber, e ninguém lhes soube informar mais nada, além do que viam. Já vários corajosos da terra experimentaram transpor o mar a nado, mas certificando-se, pela experiência, ser impossível, desistiram.

— Pois um filho do Cadoiço não conhece impossíveis nem desiste dos seus intentos. Até mais ver, meus amigos.

Voltaram à terra das suas grutas, sabendo, de já terem visto, que por detrás daquelas montanhas a norte, donde a água escorria directamente para o mar, serpenteavam caudalosas ribeiras, formando várias lagoas, onde o homem pode fazer grandes experiências sobre a linha.

Conjuntamente com os treinos de natação, foram compondo engenhos, com paus e esteiras, que lhes permitiram descansar muito tempo sobre o líquido, e voltaram aos homens da colina. Mostraram-lhes as suas habilidades, e da cidade lançaram-se com elas sobre o mar, que atravessaram logo à primeira tentativa, sem dificuldade!

Do outro lado, não olharam para trás, correndo sempre em procura de mais obstáculos que os pudessem embaraçar de saber onde o Sol nascia.

Encontraram outro rio, de certo o Gualquivir, que transpuseram da mesma sorte, indo deter-se diante do Ebro, que lhes custou mais a passar.

Depois de andar muito, descobriram uma cordilheira tão alta que os picos pareciam tocar no céu. Guiados por muitos moradores, passaram para o outro lado, mas ainda ali não nascia o Sol.

Caminharam, juntamente com homens da cordilheira, através de montes e rios, até que a terra se lhes acabou, na forma de um pé, começando outro mar que no presente não podiam transpor, mas ali juraram todos que trabalhariam no outro extremo da terra em navios que ultrapassassem, com o tempo, o ponto onde o Sol nascia.

E voltaram para o Cadoiço, ficando muito amigos de todos, prometendo de se visitarem muitas vezes, pelo mesmo processo. Estava descoberta a maior parte do Mediterrâneo, o que já era alguma coisa, para quem aspirava a tanto. Mais uma vez, a terra do sul se lhes cobriu de gelo e tiveram de acolher-se de novo às grutas, até Deus permitir que no Algarve nunca mais fizesse frio...

Sousa Nunes

Assinal e propague "Notícias do Algarve"



DESPORTO

FUTEBOL

CAMPEONATO REGIONAL

Lusitano, 7 — Lagos, 2

Domínio absoluto dos locais

No encontro efectuado no campo «Gomes Socorro», safu justamente vencedora a jovem equipa do Lusitano, que, com um conjunto superior ao adversário, conseguiu impor-se técnica e territorialmente.

O primeiro golo da partida foi obtido por Teodoro para o grupo de Lagos, numa das suas poucas avançadas.

Apesar dos visitantes serem os primeiros a marcar, os elementos da casa não desanimaram, antes pelo contrário, com maior eficácia e perigo lançaram-se ao ataque, sendo esse esforço coroado de êxito, pois Marco, Lima, Ramirez e Araújo conseguiram obter 4 golos, terminando assim o primeiro tempo com o Lusitano em vencedor. Após o intervalo, o domínio dos vilarealenses intensificou-se. O Esperança de Lagos foi forçado a aplicar-se na defesa, e contra a sua baliza registaram-se alguns cantos em pouco espaço de tempo, sendo num deles marcado o quinto golo, por intermédio de Raimundo. Os jogadores de Lagos esboçaram algumas tentativas de reacção, mas não anularam a ascendência dos vencedores, e aos 20 minutos, Raimundo marcou novo golo.

Decorrido pouco tempo, Galaz, com um remate bem dirigido, conseguiu o segundo ponto da sua equipa, não tardando a aparecer o último tento do encontro, outra vez marcado por Raimundo.

E assim findou este jogo com a vitória da equipa do Lusitano, formada à base da juventude.

O conjunto médios-avanzados constituído por Daniel e «Lourinho» foi o de maior poder sobre o terreno.

No ataque, todos os jogadores se nivelaram, havendo simplesmente a salientar a obtenção de 3 tentos, por Raimundo.

A defesa denotou ainda pouca confiança, à excepção de Pescada, que esteve muito bem a interceptar e foi mais veloz do que o costume.

Na equipa vencida, merecem referência, pelo seu labor, Vidal e Teodoro.

A arbitragem não foi perfeita, equivocando-se ao assinalar algumas faltas.

Louletano, 3 — Silves, 7

No outro jogo realizado em Loulé, a contar para o campeonato regional, registou-se a vitória da equipa de Silves, por uma diferença de bolas que não admite comentários quanto ao melhor conjunto em campo.

José Agostinho

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Silves	3	3	—	—	12	4 6
LUSITANO	3	2	—	1	13	6 4
Louletano	3	1	—	2	9	15 2
Esp. Lagos	3	—	—	3	5	14 0

Hoje, realizam-se os encontros do Louletano com o Lusitano, e o do Silves com o Esperança de Lagos.

Associação Académica de Vila Real

As equipas de basquetebol e hóquei em patins, da Associação Académica desta vila, deslocam-se esta tarde a Albufeira a fim de participarem no festival desportivo organizado pela Comissão da Sopa dos Pobres de Albufeira. Os adversários da Académica serão as equipas do Imortal Desportivo Clube.

Ténis de Mesa

Tem início, amanhã, pelas 21 horas, o torneio de Ténis de Mesa inter-equipas, na sede do Clube Náutico desta vila. O calendário dos jogos a efectuar é o seguinte: 1.º dia, Lusitano-Celeiro e Glória-Lis; 2.º dia, Lusitano-Náutico e Celeiro-Lis; 3.º dia, Glória-Náutico e Lusitano-Lis; 4.º dia, Celeiro-Náutico e Lusitano-Glória; 5.º e último dia, Lis-Náutico e Celeiro-Glória.

O clube primeiro classificado será premiado com a Taça «Dy-nia» e 5 medalhas douradas; o segundo, com 3 medalhas prateadas e o terceiro, com 3 medalhas cobreadas.

Campeonato Individual no Glória

O campeonato individual inter-sócios, organizado pela direcção do Glória e que tanto entusiasmo despertou entre os concorrentes, terminou no dia 18 do corrente, ficando nos 3 primeiros lugares: José Manuel Pereira, Mário Bento e Gavino da Palma.

A estes jogadores, foram-lhes distribuídas medalhas.

CAMPEONATO NACIONAL

DA II DIVISÃO (ZONA SUL)

OLIVAIS, 2 - OLHANENSE, 1

Marcô de graves erros de arbitragem, o Olhanense foi derrotado, imerecidamente

No passado domingo, deslocámo-nos à maravilhosa cidade de Lisboa, onde assistimos ao jogo internacional de futebol entre as cores representativas de Portugal e da Suécia.

Assim, tivemos o prazer — ou melhor — a oportunidade de presenciarmos também o jogo entre as turmas do Sporting Clube Olhanense e Sport Lisboa e Olivais, correspondente à 12.ª jornada da primeira volta do Campeonato Nacional da II Divisão, visto que este encontro fora marcado oficialmente para as onze horas da manhã.

Esta pugna futebolística, disputada com muita correcção, muito entusiasmo e, sobretudo, muita técnica, mais por parte dos rubro-negros do que pelos locais, foi ganha, imerecidamente, pelos lisboetas.

A primeira metade do encontro terminou com o marcador em branco, sendo contudo os visitantes aqueles que mais oportunidades de golo tiveram, embora os visitados tivessem o vento a seu favor, um vento forte que soprava.

Na segunda metade, os visitantes abriram o activo em primeiro lugar, numa jogada bonita de Simões. Só aos quarenta minutos e quando tudo supunha que os algarvios alcançassem o triunfo, apareceu o primeiro golo do Olivais, por intermédio de Campos, e no derradeiro minuto da partida, o segundo, por intermédio do jovem Bento nas próprias balizas.

A melhor forma de principiar esta crónica seria assim: O factor sorte, pormenor tão importante no desporto, abandonou a jovem equipa algarvia durante os noventa minutos de jogo. Das equipas em luta, foi o Olhanense também a que mostrou mais classe...

Além do motivo acima apontado, foram os algarvios imensamente prejudicados pela arbitragem do sr. Braga Barros, de Leiria. Fez o juiz de campo uma daquelas arbitragens consideradas «caseiras». Na verdade, os derrotados apenas foram vencidos neste encontro, porque além do factor sorte não os ter amparado, a arbitragem teve erros graves; entre eles, uma grande penalidade não assinalada ao grupo local, na altura em que Ângelo, isolado em frente ao guarda-veloso, foi descaradamente rasteirado pelo defesa Paiva. A injustiça do árbitro em não marcar o castigo foi protestada pelo público, demoradamente. Além desta, o sr. Braga Barros cometeu irregularidades sem fim, e uma delas foi validar o primeiro golo do Olivais, que foi obtido num autêntico fora-de-jogo.

Pode-se, portanto, classificar a arbitragem de péssima e parcial. Assim, poder-se-á reparar em que a vitória dos lisboetas foi injusta e beneficiada pela infelicidade de Bento, que, ao tentar aliviar o terreno, anichou a bola nas próprias balizas.

A exibição da equipa algarvia foi, em todos os aspectos, tão brilhante, que no final da partida foi ovacionada pelo público, quando se dirigia aos balneários.

Os visitantes tiveram a preocupação de baixar sempre a bola, com

PRESTÍGIO INTERNACIONAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

para firmar o prestígio externo e interno da sua administração pública, mas os inimigos de forma alguma estavam dispostos a reconhecer uma vitória tão completa como inesperada num País que, em anos e lustros sucessivos, se tinha arrastado pelas situações mais anacrónicas e rivais. Os tradicionais oportunistas internacionais, acrescidos agora da esfomeada e voracíssima Rússia bolchevista, aguardavam a grande oportunidade — que, felizmente, o génio político de Salazar nunca lhes deu — para nos inutilizarem na Europa, na A'frica e na A'sia (que é a excrescência industrial de Nehru, senão a arremetida da Rússia despeitada?).

Durante a Guerra de Espanha, tudo as facções esquerdistas tentaram para desvirtuar os factos e enrodilhar-nos nos turbilhões dos ódios, ancestrais alguns, de cariz novíssimo, outros, mas todos soprados pelo vento vermelho do Kremlin.

Ler o discurso de Salazar sobre a não-intervenção na Guerra de Espanha é ficar na certeza de que se está em frente do mais extraordinário e profético génio político dos nossos dias. Se fosse escrito hoje, nem uma só frase, um período

passos curtos e jogo prático, ao contrário dos locais, que levaram o encontro a levantar o esférico.

O regresso à equipa do miliciano Ângelo muito veio contribuir para a exibição do onze olhanense. Sobre os jogadores, não podemos criticá-los, mas sim aplaudir-los. Na verdade, jogaram com muita alma, vontade, brio e técnica, sobretudo na segunda metade, em que nem sequer faltou a personalidade, em face do jogo bastante rude praticado pelos lisboetas. Abade esteve bem, assim como toda a defesa. A linha intermediária actuou excelentemente a defender e a atacar, e os avançados cumpriram, embora faltasse por vezes mais poder e velocidade aos juniores Parra e Nuno. A defesa do Olivais também actuou excelentemente, e o ataque nada pôde fazer perante a barreira inteligentemente organizada pelos visitantes, destacando-se entretanto o algarvio do Farense, Campos, a cumprir o serviço militar em Lisboa.

Enfim, um jogo entre algarvios e lisboetas, que merecia melhor sorte para o Olhanense.

FARENSE, 4 — ARROIOS, 2

Segundo nos informaram, o encontro realizado em Faro, entre os locais e o Arroios, foi jogado com bastante entusiasmo e com muito poder técnico. Tanto o Farense como o Arroios jogaram bem, merecendo, no entanto, os farenenses o triunfo, pois tiveram mais oportunidades de golo.

FORTIMONENSE, 2 — MONTIJO, 0

O Montijo, na sua deslocação ao Algarve, a primeira desta época, não foi nada feliz, pois os seus jogadores foram derrotados por 2-0.

Meroulano Valente

sequer, havia que mudar na essência. O que felizmente já mudou, em parte, pelo menos em relação à Espanha e em grande parte, quase completamente quanto à posição firme então tomada por nós, foi a posição dos estrangeiros, ingleses, italianos e franceses.

Entretanto, eclodia a segunda Guerra Mundial. O nosso pacto com a Espanha vitoriosa, a Espanha ibérica, deu-nos força para uma neutralidade colaborante. E fomos bem úteis à velha Aliada, especialmente com a nossa Paz, as nossas economias e o esforço do nosso povo e com a concessão das nossas bases nos Açores. Mas principalmente — e os ingleses se queixem que o digam — com as nossas actividades ao dispor da Inglaterra e dos nossos compromissos na Aliança. A viagem oficial do Presidente da República é a confirmação estrondosa desse apreço.

Não fora o nosso bom-senso, orientados por tal plenitude de inteligência, e que seria hoje de nós na Europa, e talvez da própria Europa, e pelo menos do equilíbrio, em A'frica? Se tivéssemos falhado no grande jogo da diplomacia, que seria hoje do nosso Ultramar, tão cobizado pelas suas incensuráveis riquezas por gregos e troianos; se não fosse a nossa força, não apreciada pela O. T. A. N., que pensamentos teriam alguns dos signatários da O. N. U.?

Possivelmente, estamos em acreditá-lo, o mesmo que, erradamente, nutre o Indústo do sr. Nehru.

A. Boaventura

ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António

ESTABELECIMENTOS

Trespasa-se casa para este fim, sem existência, com inscrição no Grémio dos Retailistas de Mercadorias, numa das melhores ruas desta vila.

Tratar com Clemente & Filhos, Lda. — Vila Real de Santo António — Telefone 92.

ESPINGARDARIA ALGARVE-Tavira

DE VIUVA & FILHOS DE JOSÉ VIEGAS MANSINHO

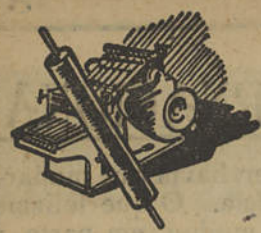


IMPORTAÇÃO DIRECTA de espingardas, carabinas, pistolas e revólveres das mais acreditadas marcas.

Oficina de reparação de armas e de carregamento de cartuchos por sistema eléctrico, dirigida por técnicos competentes.

REPRESENTANTE EXCLUSIVA, no Algarve, da mais acreditada e perfeita PISTOLA DE ALARME R G, última palavra da indústria alemã

Preços sem competência, e especiais para revenda



BONS IMPRESSOS E CARIMBOS
NA —
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

UMA SUGESTÃO de um antigo industrial

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

fiscalização deste organismo, e nesta qualidade uniformizou o processo de fabrico de sardinha no centro de Matosinhos. A ele se deve também a montagem da primeira fábrica de farinhas de peixe pelo processo «Schlotterose». Nos últimos anos que antecederam a última guerra, vivia na Alemanha como agente de conservas de peixe.

Esta biografia dá-lhe autoridade, cremos nós, para se pronunciar sobre um problema que interessa à nossa indústria de conservas. Como nos tivesse manifestado discordância com os pontos de vista expendidos pelo sr. José Ferreira Canelas, pedimos-lhes que elaborasse um projecto de curso de mestre conserveiro, o mais ajustado possível às realidades. E esse trabalho que inserimos a seguir, com o desejo de que dele se possa extrair qualquer coisa de útil ao fim em vista:

Admissão: alunos maiores de 21 anos, com o curso geral dos liceus ou de escolas técnicas.

O curso é estabelecido para dois anos de frequência e compreenderá nove cadeiras ou disciplinas.

1.º Ano — 1.ª Cadeira — *Anatomia* — Conhecimento desenvolvido dos sistemas nervoso, muscular, circulatório e hormonal e do aparelho digestivo, e ainda do revestimento, das várias espécies normalmente conservadas: sardinha, carapau, cavala ou sarda, sarrajão, boga, atum, etc.

Trabalhos práticos: Revenir, descabeçar, esventrar, lavar.

2.ª Cadeira — *Fisiologia* — Conhecimento exacto dos processos de nutrição e da formação da gordura, sua localização, e ainda da osmose e consequentes desidratação e conservação pelo sal marinho.

Trabalhos práticos: Determinação dos tempos de imersão nas mouras, em relação com os pesos e tamanhos das espécies a conservar. Engrelhamento. Exposição ao ar.

3.ª Cadeira — *Física* — Estudo do vapor de água, da pressão do vapor em função da temperatura e da tensão do vapor.

Trabalhos práticos: Cozedura. Determinação do tempo e da temperatura, segundo as espécies que sofrem a operação.

4.ª Cadeira — *Histologia* — Estudo botânico da formação dos óleos: amendoim, oliveira e soja, e dos vários condimentos e especiarias: cravo da Índia, louro, alcaparra, limão, tomate, cebola, cenoura, salsa, etc.; classificação em latim e nome do autor, características de família e origem.

Estudo desenvolvido do microscópio, de lentes aplanáticas e de imersão. Estudo de micrótomos.

Trabalhos práticos: Inclusões em parafina das sementes oleaginosas e dos diversos condimentos. Fixação em preparações de cortes ao micrótomo e observação com lentes de imersão de 2 a 3 mil aumentos. Determinação de quantidades de molho e condimento por lata de 1/4 club 30 m/m ou seu equivalente.

Prática de enlatamento, dando sempre o lombo à chave, e nunca o rabo, «ao azul», «ao branco», «ao meio azul», com ou sem especiarias; e ainda sem espinha e sem pele e sem espinha. Distribuição dos molhos.

2.º Ano — 1.ª Cadeira — *Mecânica* — Nomenclatura de máquinas e ferramentas.

Trabalhos práticos de serralharia. Instalação e montagem das máquinas que servem à indústria. Afição de cravadeiras. Cravação de latas. Fabricação de solda. Soldagem, etc.

2.ª Cadeira — *Microbiologia* — Criptogamia. Fungos, bolores, bactérias, bacilos, esporos, etc.

3.ª Cadeira — *Esterilização* — Conhecimento das leis de Mariotte e de Gay-Lussac. Caldeiras de banho-maria. Autoclaves. Pasteurização. Tyndallização.

4.ª Cadeira — *Resistência de Materiais* — Ensaio sobre envases de plástico, vidro e folha de fiandres.

5.ª Cadeira — *Embalagem* — Limpeza dos envases. Escolha.

Nos envases de folha de fiandres: batimento e reparação das latas de «bombagem» e «opagem» para 2.º banho.

Encaixotamento e marcação das caixas, aramadas ou arqueadas.

Este programa pode ser alterado conforme a prática o demonstrar.

LEITURA

SECÇÃO DE LITERATURA E CRÍTICA
Orientada por N. RODRIGUES PENA

A REALIDADE E A ARTE

TEM-SE ultimamente debatido muito o problema da criação na arte. Milhares de páginas escritas não esgotaram o assunto; nós, pelo nosso lado, que temos natural horror aos simplismos, estranhámos, no entanto, que um problema de tal ordem suscite tantas controvérsias. A medida que o tempo passa, mais nos convencemos de que os homens da nossa época, presos a interesses e prejuízos, se encontram numa posição que lhes impede a compreensão dos problemas do seu próprio tempo. E na arte, como em qualquer outro aspecto da vida, deparamos com os mesmos grosseiros erros, a mesma voluntária cegueira, a habitual e declarada deformação do problema. Que a arte não é cópia da natureza, que o processo da criação artística não está sujeito à exactidão fotográfica, são pontos tão refutados que não merecem que lhe prestemos o mínimo de atenção. Pois, quando se fala na realidade como fonte de toda a criação artística, é inevitável servirem-se desses argumentos grosseiros, julgando assim pulverizar toda uma interpretação da arte. Muitos desejam vê-la a seu gosto, vestida com donaire, isenta dos salpicos da lama da rua, uma espécie de castelã, sequestrada aos olhares profanos, produto exótico de imaginações vagando nas regiões etéreas; outros, puritanos da hora oportuna, impõem que a arte se não deve atrever pelos caminhos proibidos. Desde o fim do século XVIII, antes e após o deflagrar da Revolução Francesa de 1789, os homens descobriram que tinham cabeça para pensar, isto, no dizer de Hegel. Pois, hoje, se alguém vem dizer que os habitantes duma aldeia incrustada na montanha ou qualquer homem da fábrica têm também cérebro e por isso mesmo também podem pensar, levanta-se tal gritaria que ninguém se pode entender na confusão. E sentenciosamente, ocorrem os exemplos: os Gide, os Proust.

Habituar-se, por toleima ou por ignorância, a considerar o neo-realismo um método e uma escola criada especialmente para tratar de assuntos referentes a determinadas classes sociais; esquecer-se que o escritor neo-realista, desde que esteja bem apetrechado e se encontre em condições de observar as altas camadas sociais, poderá dar-nos dessas classes um romance de feição realista. O artista não deve encarar a sociedade como uma abstracção, mas vê-la no seu constante movimento, abraçá-la na sua totalidade e diversidade.

Mesmo aqueles que não entram directamente no processo da produção da vida social — factor necessário para a manutenção de todas as outras actividades humanas — figuram como consumidores, o que lhes permite, como é óbvio, intervir na vida. Quer dizer, as pessoas encontram-se mais ou menos ligadas e é preciso não esquecer as ligações que ao senso comum se lhe afiguram longínquas ou disparatadas. Por isso, o novo romance, ao invés do romance do século XVIII e XIX, vai desprezando o herói da factura de Stendhal ou Balzac para prestar a sua atenção a outras forças que actuam na nossa sociedade. Foi sempre a observação e análise da realidade social a origem de toda a obra de arte. Simplesmente, de época para época, as forças sociais se substituem e os pontos de observação e aná-

lises se modificam. Os dados do problema, contudo, não sofrem alteração e por isso permanecem: dum lado, a natureza, do outro, o homem com os seus esforços para a amoldar às suas necessidades. A luta do homem com a natureza tende sempre para a transformação, o aparecimento de novos objectos com novas formas. O trabalho do homem, ao actuar sobre a matéria que a natureza lhe fornece, e auxiliado pela técnica, transforma essa substância em novos objectos e em novas formas para seu uso. Ora, a criação artística não foge a esse processo geral da transformação da natureza. A realidade nas mãos do artista transfigura-se, enriquece-se, é ainda de certo modo a natureza, mas também é um novo produto. Nem imitação, nem cópia da natureza, mas sim uma nova criação, um novo produto marcado pelo sonho e ambição humana. Por isso, o artista deve possuir um elevado conhecimento dos problemas humanos, estar nas condições de submeter a realidade a uma análise pertinente. O conhecimento e domínio da realidade é o factor primordial de toda a obra de arte. E quanto mais rico o artista for da substância da vida, mais possibilidade terá de apreender uma obra sólida, capaz de vencer e arrostar com o desgaste do tempo.

Júlio Martins

CRÍTICA

MANHÃ SUBMERSA

Por VERGÍLIO FERREIRA

NUM texto esquecido de Camilo, o autor das «Novelas do Minho» alertava os nossos escritores a prestarem a devida atenção à riqueza romanesca da nossa vida social e a abandonar as descrições fáceis do «poético céu, as saudosas tardes de estio e as afeições amorosas que a meiguice desta natureza lhes inspira.» E Camilo concluiu, acertadamente: «Isto dá-o o coração sem estudo; e o que contém estudar, para fielmente descrever esta sociedade, é tudo que está fora do coração, é tudo o que pode filiar-se no materialismo das paixões, a cobiça dos gozos corpóreos, a ambição desenfreada de sacudir os farrapos e a lama com que por aí se entra na carreira da fortuna.» Sempre, pelo nosso lado, pugnámos por uma literatura de ideias, uma literatura que se desligasse da descrição pictórica, das imagens puramente literárias, e ousasse penetrar no cerne das ideias e dos problemas da nossa época. Sabemos bem ser este o caminho mais difícil para o escritor, mas compreendemo-lo como o único que poderá dar salutareos frutos. E tem sido este o caminho que os escritores do neo-realismo, no nosso país, pior ou melhor, têm seguido nestas duas últimas décadas. Reconheça-se, pois, já que se não é avaro em assacar defeitos às obras dos novos escritores, o mérito de transportarem para a literatura meia dúzia de ideias e o empreendimento de analisarem a realidade portuguesa. Num país onde todos se ufam de possuírem ideias e de todos se considerarem mais ou menos filósofos — e que filosofia! — e que ideias! — a nossa literatura, salvo as raríssimas ou convencionais excepções, é uma literatura feita de impressões rápidas, fútil mesmo quando pretende passar por séria; desmiolada mesmo quando finge de cerebral.

Vergílio Ferreira é, incontestavelmente, um escritor que apresenta ideias e debate problemas. Não se satisfaz com as aparências reais do senso comum e busca o conhecimento da realidade. E o problema central da obra «Manhã Submersa» não é nenhum anacronismo, mas um facto dolorosamente reconhecido por todos nós, que, embora não tivéssemos frequentado estabelecimentos de ensino do tipo que se descreve no livro, não deixamos de sofrer idênticas influências, já que as suas causas, se encontram inculcadas no corpo da nossa sociedade. Repare-se que a ideia da frustração do indivíduo está assumindo compreensível importância nos nossos escritores modernos. O povo tem uma expressão lapidária para testemunhar a frustração: «estar vendido». «Estar vendido» é viver a vida que se não quadra ao indivíduo, é como estar morto e andar, é qualquer coisa que briga com os desejos e aspirações que a vida tenazmente amordaça. Ora, «Manhã Submersa» é o romance de dezenas de rapazes que deparam, na aurora da sua existência, com esse difícil problema de viver a sua vida. Ninguém pede a opinião a essas crianças do caminho que se lhes pretende oferecer, nem tão pouco se procura indagar se têm ou não voca-

ção para seguirem semelhante mister. Recrutados, principalmente nas camadas rurais da nossa população, cedem assim à vontade dos pais que, em seu juízo, entendem ser o único caminho para os libertar das contingências e misérias inerentes ao seu destino de trabalhadores do campo. Outros encontram, nas aldeias ou nas vilas, a senhora generosa que lhes subsidia os estudos e se sente recompensada por saber que Deus averbará à sua conta a bela acção que está a realizar. A dona Estefânia, muito cumpridora e zelosa dos princípios que julga serem os seus deveres religiosos, é uma das personagens mais bem cuidadas do romance. Há uma passagem na obra que ilumina bem a natureza dessas generosidades. «Não tem vocação! Tem mais vocação para se encher de côdeas e piolhos. O lorde. Prefere ser doutor. A mãe vai pô-lo em Coimbra a estudar. Ehl! Pois se não tem vocação, rual! Vá lá para a fome dos Borrinhos! Vá comer palme! Aqui não mais uma hora, rual». Mas todos os protagonistas do livro estão descritos com precisão e realidade. António Borrhalho, o Gama, o Gaudêncio, o Palmeiro, a longa galeria dos professores, definem, na verdade, as características mais evidentes das suas diferentes individualidades. Algumas das páginas, como as que descrevem o gesto louco do Gama na sua tentativa de incendiar o edifício; como aquelas que nos dão o funeral do Gaudêncio, são magníficas. Também a descrição das sabinatas, a maneira como se trava e explora a emulação dos estudantes, está tratada duma maneira feliz e inteligente.

A existência do indivíduo sujeita a múltiplos condicionamentos: económicos, biológicos, etc., depara ainda com forças de tamanha grandeza que não deixam de ter idêntica importância. Forças subjacentes dos factos reais, todo o abstracto ideológico pesa incisivamente na formação do indivíduo, moldando-lhe uma consciência que já não serve a vida e nem sequer diz respeito às condições que o indivíduo está vivendo. Voluntária ou involuntariamente, todo o indivíduo se vai apercebendo desse conflito que se vai cavando na nossa época e se reflecte na sua consciência. Todas as angústias recalçadas, todos os desesperos duma infeliz adolescência, todos os mistérios ignorados duma vida a descobrir, a conquistar ou a perder, tudo isso exacerbado por uma educação que o não chega a ser, conduzem à frustração total do indivíduo. O livro pretende e consegue ser um libelo contra determinados métodos pedagógicos que acabam por aviltar a personalidade humana. Adulteradas e perdidas todas as qualidades e sentimentos que nobilitariam o homem, este prepara-se assim para entrar na sociedade, imagem mais ampla do quadro estreito onde as suas existências gravitavam, mas onde, como não podia deixar de ser, campeiam idênticos vícios e mazelas. As constantes tentativas de esquecer ou deformar a vida, à constante preocupação de apagar imagens impetuosas que resistem nos seus

II ROMAGEM DE SAUDADE DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DE FARO

AS Comissões organizadora e executiva da II Romagem de Saudade, ao Liceu de Faro, e a efectuar-se no próximo dia 1 de Dezembro, informa todos os antigos alunos que frequentaram aquele estabelecimento de ensino ou nele fizeram os seus exames, até 1945, e que já se tenham inscrito ou venham a inscrever-se, que o programa aprovado para a referida Romagem é o seguinte:

Dia 1 de Dezembro de 1955

Às 6,30 horas, concentração, no Largo da Estação do Caminho de Ferro, da Academia de Faro, com banda de música, e bem assim, dos antigos alunos que já ali se encontrem, para aguardarem a chegada do comboio com os romeiros idos dos vários pontos do País, seguindo-se uma marcha até ao centro da cidade.

Intervalo para pequeno almoço.

Às 9 horas, concentração na Sé, onde serão rezadas missas por alma dos antigos professores e alunos; seguidamente, cumprimentos oficiais, visita aos antigos Liceus, antigos professores, e, finalmente, sessão solene no actual Liceu, com desceramento de uma lápide comemorativa, usando da palavra o antigo aluno e actual reitor do Liceu de Passos Manuel — o Liceu mais antigo do País — sr. dr. José Guerreiro Murta e o dr. José Ascenso, igualmente antigo aluno e actual reitor do Liceu de Faro.

Seguir-se-á o almoço de confraternização académica.

À noite, grande Sarau oferecido pela Academia de Faro aos antigos alunos.

A comissão organizadora da romagem de saudade dos antigos alunos do Liceu de Faro informa que, além da Presidência do Conselho e dos Ministérios do Interior, Obras Públicas e Educação Nacional, também os Ministérios das Corporações e da Justiça autorizam dispensa de serviços nos dias 30 de Novembro a 2 de Dezembro aos funcionários que desejem participar nesta romagem.

UM DONATIVO

para os nossos pobres

Do nosso querido amigo e estimado assinante, sr. António Cordeiro Marques da Costa, dedicado provedor da Santa Casa da Misericórdia de Castro Marim, recebemos a quantia de 50\$00, para os nossos pobres — a que já demos o devido destino.

Em nome dos contemplados, agradecemos a generosa dádiva.

Visado pela Comissão de Censura

cerébrus, surge a necessidade da evasão. António Borrhalho dirá: «Eu vivia, de resto, agora e cada vez mais, da minha imaginação.» O processo lento, mas, sem dúvidas, grosseiramente elaborado consegue dar os seus viciados frutos. Ora, semelhante sistema educativo se, por vezes, conquista integral aceitação, cria também os seus antídotos: a insubordinação, a rebeldia. Mas nem sempre a passividade significa concordância; e o mal está mais nos que infringem os cânones do que naqueles que por falta de coragem os aceitam.

Um romance que, independentemente do seu intrínseco valor literário, da riqueza da criação das suas figuras humanas, do seu conteúdo valioso, deve merecer a nossa atenção, pelos problemas que interessam tanto aos educadores como ao público em geral.

Edição da Sociedade de Expansão Cultural — Lisboa

VAI SER UM FACTO O PARQUE DE CAMPISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

fazer as compras à vila. O parque, em nosso entender, deve ficar situado, o máximo, a 800 metros da praia, em lugar bem arborizado.

Em todo o caso, o técnico da Federação Portuguesa de Campismo, que naturalmente será convidado a visitar a Mata, dirá a última palavra. Com ele se deve aconselhar também a Comissão de Turismo acerca das taxas a cobrar pelo uso das comodidades postas à disposição dos campistas, os quais, em nosso entender, devem ser dispensados do pagamento do terrado. Este imposto, que se cobra na Caparica, é antipático e afujenta os amadores da Natureza.

Convém — e a F. P. de Campismo dará também indicações sobre este particular — mandar colocar no posto fronteiriço, no Encalhe e no cruzamento de estradas próximo de Monte Gordo, chapas indicativas do parque, mencionando a distância, com as indicações em português, francês, inglês e alemão.

E depois, pode fazer-se a devida e indispensável propaganda no País e no estrangeiro. E assim, despojando-nos de comodismo e de egoísmo e vasculhadas as teias de aranha, ofere-

ceremos aos amantes da Natureza um parque misto — pinhal, mar e sol — como eles dificilmente encontram na terra portuguesa.

E parece que não abusaremos de foros que não nos concederam felicitando, em nome dos espíritos progressivos, a Comissão Municipal de Turismo por estar disposta a contribuir para a europeização do turismo algarvio.

O TURISMO NO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

internacional. Quanto à de Albufeira, sabemos que o banqueiro e industrial sr. Vinhas Cabrita vai ali mandar construir um hotel, dando assim um exemplo que bem merecia ser seguido por quantos algarvios possuem meios de fortuna.

As referências às praias, com o acrescentamento: para só falarmos das mais importantes, deixou-nos apalermados. Então o jornalista não sabe que as duas únicas praias do Algarve que pelas suas excepcionais condições e frequência mereceram a classificação oficial de 1.ª classe são Monte Gordo e a Rocha? Então o jornalista não sabe que precisamente por essa circunstância são as duas únicas do Sul do País escolhidas, e muito justamente, para os animados concur-

tos anuais promovidos pelo «Diário de Notícias» — o seu jornal? Já se viu tanta exibição de ignorância, como esta que se estampou nas páginas do prestigioso rotativo?

Lamentamos o facto, que podemos classificar de indesculpável, e fazemos votos por que os futuros enviados ao Algarve, do jornal lisboeta, não cometam lapsos tão flagrantes e que notoriamente agitem a sua ignorância.